

## ENSINAR GEOGRAFIA ATRAVÉS DE IMAGENS: OLHARES E PRÁTICAS

**Felisbela Martins**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

CEGOT

Felisbela.martins@gmail.com

### Resumo

A imagem é um recurso didático de grande importância para o ensino da Geografia.

Ler uma imagem é tarefa do professor de Geografia. Implica que este, durante o processo ensino-aprendizagem, conduza os alunos a saberem analisá-la criticamente, isto é, observá-la, descrever o que nela observam e retirar as inferências possíveis, verbalizando o que ela lhe sugere.

Omnipresente por toda a parte, a imagem e o seu uso em contexto escolar permite a aproximação do mundo da Escola ao mundo real e ao dia a dia dos alunos.

Hoje o uso de imagens fixas e em movimento, está presente nas aulas de Geografia dos estudantes-professores em formação inicial do Mestrado em Ensino de História e Geografia. São elaborados documentos pedagógico-didáticos onde constam imagens, adaptados aos temas, aos diversos tipos de conteúdos, aos alunos, que conduzem ao diálogo à interação verbal, à atitude proativa na sala de aula e à tomada de consciência para o espaço geográfico e para os problemas do nosso mundo por parte dos alunos. A disciplina de Geografia e a sua leção torna-se apelativa e formativa, contribuindo para a promoção do desenvolvimento do visionamento espacial dos factos e a sua interação e diferenciação à superfície terrestre.

**Palavras-chave:** A imagem, ler imagens, ensino da geografia.

### Abstract

Images are a teaching resource of great importance to the teaching of Geography.

To read an image is the task of the Geography teacher. This implies that, during the teaching-learning process, students should be guided on how to analyze it critically, i.e., observe it, describe what they observe, and draw possible inferences, verbalizing what it suggests.

Ubiquitous as they are, images and their use in school bring the world of school closer to the real world and to the daily lives of students.

Today, the use of still and moving images are present in the Geography lessons of student-teachers in initial training of the Master's in Teaching History and Geography. Pedagogical-didactic documents are prepared which contain images that are adapted to the themes, the different types of content, to the students, leading them to engage in dialogue, verbal interaction, and proactive attitudes in the classroom, as well as developing a keener awareness of geographical space and the problems of our world. The Geography subject and its teaching become appealing and formative contributing to the development of a spatial view of the facts and their interaction and differentiation at the earth's surface.

**Keywords:** Image, Read images, Teaching Geography.

## Introdução

A sociedade em que vivemos está em permanente mudança e temos a consciência de que as nossas escolas estão cada vez mais adaptadas ao mundo tecnológico que nos rodeia. Este, por seu turno, evolui rapidamente e os alunos, na sua maioria, dominam as tecnologias de comunicação e da informação e com elas interagem com grande facilidade.

Por outro lado, todo o processo de ensino-aprendizagem supõe uma comunicação que se inicia com a construção de uma mensagem por um emissor, que inclui uma informação inteligível, adequada e perceptível e requer a percepção por um receptor através dos sentidos, principalmente a visão e a audição.

O uso dos recursos tecnológicos, tais como os aparelhos de reprodução de som e imagem, tem um papel principal que é o de reforçar a ação comunicativa e permitem aos professores trazerem para a sala de aula as vivências do quotidiano dos alunos. Ocupam, portanto, um lugar fundamental e são uma ferramenta que facilita o processo de ensino-aprendizagem.

Mas este uso do recurso audiovisual não pode ser utilizado como um veículo ou meio da constatação de um facto ou de um tema. Deve ser utilizado como um recurso que seja capaz de gerar uma abordagem e discussão, permitindo ao professor desencadear o desenvolvimento de capacidades formativas junto dos alunos. Desta forma, os recursos audiovisuais bem utilizados em contexto de sala de aula, podem desempenhar uma das suas principais funções. Ou seja, permitirem ao professor desenvolver a problematização de temáticas e estimularem posteriores pesquisas sobre os assuntos abordados pelo som e pelas imagens que difundem, com o fim de desencadear leituras por parte de quem as vê e as ouve. No momento em que são usados como incentivadores de problematização e pesquisa, os alunos deverão ser levados a questionar, a levantar hipóteses, a dar possíveis

respostas. Isto é, através do som e das imagens exibidas, os alunos devem-se tornar “descodificadores” e não consumidores das imagens emitidas.

Ora, ensinar a ler criticamente as imagens do mundo constitui um desafio e uma tarefa do professor de Geografia.

A imagem é um recurso didático de extrema importância para o ensino, nomeadamente no ensino da Geografia, pois ela permite e é entendida como representação primordial para a compreensão do espaço geográfico.

Falamos das imagens como analogia do real como as imagens de satélite, a imagem mediática associada à televisão, ao cinema, à internet, aos telemóveis, IPADS, etc., falamos das imagens virtuais cada vez mais em expansão e complexificação.

Mas quando nos reportamos ao campo pedagógico da Geografia falamos também de mapas, gráficos, fotografias, desenhos, cartoons, banda desenhada, caricaturas, pinturas. É comum denominá-las “imagens fixas”. Por outro lado, quando nos reportamos ao cinema, ao vídeo, ao documentário, à televisão, à internet, aos CD-ROM e DVD-ROM, entramos no campo dos *media* e é comum classificá-los em “imagens em movimento”.

Mas mais importante do que fazer uma classificação de tipologias de imagens é escolhe-las e utilizá-las numa perspectiva de utilização pedagógica.

Ler imagens não é só olhar. Significa pensar e verbalizar o que sugerem. Esta perspectiva que associa a linguagem icónica e linguística está presente direta e indiretamente nas mensagens emitidas pelas Orientações Curriculares de Geografia, quer no ensino Básico, quer no Ensino Secundário. Nestes documentos está expresso que os professores devem proporcionar aos alunos experiências educativas, de modo a que estes tenham a oportunidade de aprender a observar, registar, tratar informação, levantar hipóteses, formular conclusões e apresentar resultados, ou seja, que seja desenvolvida a capacidade de pesquisa junto destes. As orientações oficiais sustentam que, a Geografia na sua dimensão instrumental, deve desenvolver competências relacionadas com a observação direta, com a utilização, a elaboração e a interpretação de mapas, com a interpretação de fotografias e com a representação gráfica e cartográfica de dados estatísticos, com o fim integrar as diferentes características dos lugares num contexto espacial de modo a desenvolver o processo de conhecimento do Mundo.

Partindo então de que a imagem e as imagens são fundamentais para o ensino da Geografia, temos vindo a desenvolver a sua inclusão quer ao nível do discurso teórico, quer ao nível das práticas, na formação inicial de professores.

No primeiro caso é proposto aos alunos do primeiro ano do Mestrado em Ensino da História e Geografia a análise de imagens e discussão sobre o seu uso em contexto de sala de aula. Partindo de imagens fixas os jovens professores são confrontados com a

polissemia da imagem e com o facto de ela não ser a reprodução exata do objeto que ela representa. Discute-se o facto de que a partir da leitura das imagens não só se podem extrair significados e despertar sentimentos, mas também que partem da percepção visual e que existem diferenças entre quem as realiza e quem as recebe e observa.

Ao nível das práticas são os próprios alunos que, ao interpretarem as orientações curriculares no ensino básico e secundário, ao prepararem as suas aulas, configuram situações educativas, momentos didáticos, documentos pedagógico-didáticos, onde as imagens fixas e em movimento têm tido um papel central e que são desencadeadoras de um processo de ensino-aprendizagem, usando os recursos tecnológicos ao dispor das escolas.

Desta forma, aproximam o mundo da escola ao quotidiano. Desta forma, promovem uma educação geográfica que desencadeia destrezas espaciais, o visionamento espacial dos factos e a sua interação e diferenciação à superfície terrestre, desempenhando assim a Geografia um papel formativo para a promoção do desenvolvimento para a cidadania.

A questão central deste texto prende-se com a importância do uso da imagem no processo ensino-aprendizagem de Geografia e sobre trabalhos desenvolvidos por alunos no sentido de estudar e aprender a ler a imagem e, por conseguinte, saber ler o mundo que nos rodeia.

Nos primeiros pontos deste texto são abordados significados para o conceito de imagem, a dificuldade de se encontrar uma definição única para este conceito e ainda as suas funções, assim como a leitura e análise das imagens. Nos pontos seguintes a imagem no ensino da Geografia, assim como a leitura de imagens fixas e em movimento ao nível do ensino desta disciplina, são tratados num contexto pedagógico didático. Finalmente, apresentamos algumas formas de abordagem teórico-prática ao nível da formação inicial de professores.

## **1. A imagem. Diferentes tipos de imagem**

O conceito de imagem apresenta um amplo leque de significados. Imagem “é qualquer coisa que se parece com outra coisa” (Joly, 2005, p.36). Ao procurarmos uma definição para o conceito de imagem e socorrendo-nos do dicionário Houaiss, ela é entendida como “representação da forma ou do aspecto de ser ou objecto por meios artísticos (imagem desenhada, gravada, pintada, esculpida); representação de seres que são objecto de culto, de veneração; estampa, sem carácter de obra original ou rara, que reproduz temas diversos ou motivos religiosos; aspecto particular pelo qual um ser ou um objecto é percebido; cena,

quadro; reprodução invertida de um ser ou objecto, transmitida por uma superfície reflectora; reprodução estática ou dinâmica de seres, objectos, cenas, etc, obtida por meios técnicos (imagem fotográfica, televisiva, magnética); pessoa bonita; estampa; aquilo que apresenta uma relação de analogia, de semelhança (simbólica ou real); réplica, retrato, reflexo”. Por seu turno, no Dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora com a edição de 1952, a imagem, do latim “imagine” tem como significados, de entre outros, de “representação, (gráfica, plástica, fotográfica) de algo ou alguém; reprodução; cópia; pintura ou escultura destinado ao culto; revivescência de uma percepção, na ausência do estímulo que a provocou, símbolo, conjunto de conceitos e valores que as pessoas ou o público associam a determinadas pessoas, produto ou instituição”.

Podemos dizer que todas as manifestações visuais são imagens. Contudo, o conceito vincula-se a toda a representação visual construída pela ação do Homem tal como o desenho, as gravuras, ilustrações, pinturas, fotografias, filmes, ou seja, qualquer objeto que possa ser percebido do ponto de vista visual e do ponto de vista estético. Neste caso estamos a falar de objetos construídos por meios técnicos e materiais e desta forma podemos denomina-las por imagens materiais. Mas também podemos falar das imagens mentais, ou seja, as produzidas no cérebro humano a partir da imaginação, com ou sem presença de objetos, ou ainda das imagens sonoras, imagens verbais, “imagens de si”, “imagens de marca” de entre outras.

O conceito é usado em vários campos do conhecimento tais como na religião, na ciência, na arte, na literatura, na filosofia, na psicologia, na comunicação, na educação, tornando-se difícil encontrar um conceito de imagem para todos eles.

Segundo Silveira (2005, p.114), Mitchell classifica as imagens segundo uma abordagem didática como “gráficas (pinturas, estátuas e desenhos), ópticas (geradas pelo espelhamento e projecção), perceptuais (as que nos chegam pelos sentidos e reconhecimento de aparência), mentais (realizadas pelos sonhos, pela memória e pelas ideias) e verbais (descritas pelas palavras e sugeridas pelas metáforas)”. Ainda a mesma autora afirma que “esta classificação não exclui, entretanto, a possibilidade de fusão entre os conceitos para a compreensão do significado de imagem” (*ibidem*).

Longe estamos hoje do conceito de imagem de Platão, que as denominava, em primeiro, por sombras, depois por “reflexos nas águas ou à superfície dos corpos opacos polidos e brilhantes e todas as representações deste género” (Joly, 2012, p.13). Ao contrário de Platão, que considerava a imagem a projecção da mente, Aristóteles considerava-a como sendo uma aquisição pelos sentidos, a representação mental de um objeto real.

Hoje, o uso corrente da palavra imagem remete prioritariamente para as imagens visuais (televisão, cinema, fotografia, desenho, pintura, imagens digitais), mas a imagem é

usada em todos os domínios científicos. Na opinião de Joly (*ibidem*, p.24), “da astronomia à medicina, das matemáticas à meteorologia, da geodinâmica à física e astrofísica, da informática à biologia, da mecânica ao nuclear” as imagens são simples visualizações de fenómenos. São imagens reais que permitem uma observação mais ou menos direta e sofisticada da realidade, mas que necessariamente necessitam de interpretação por parte de especialistas face à sua complexidade e especificidade. Ainda Joly (2012, p.27), considera “as novas Imagens”. São imagens de síntese produzidas por computador e que “permitem criar universos virtuais que podem apresentar-se como tal, mas também falsificar uma qualquer imagem aparentemente real” (*ibidem*). A manipulação das imagens e a possível interação é agora ilimitada e a distinção entre o real e o virtual é cada vez mais complexa.

## **2. Análise e funções das imagens**

A imagem ao ser algo que se assemelha a qualquer outra coisa, coloca-se na categoria das representações, isto é, “se ela se assemelha é porque ela não é a própria coisa” (Joly, 2012, p.43). Assim a sua função é a de evocar, a de significar outra coisa que não ela própria utilizando o processo de semelhança, por analogia. Uma imagem constitui e evoca um ato de comunicação a partir do momento em que é intencionalmente destinado a fornecer informações a quem aprende decifrá-la.

Quando nos propomos analisar uma imagem pretendemos fazê-lo do ponto de vista do seu significado e, portanto, considerar o seu modo de produção de sentido, ou seja fazer interpretações.

Neste contexto, é comumente aceite que a imagem permite uma fácil e natural leitura requerendo menos tempo que o texto escrito, tornando-se mais atraente aos diferentes leitores. Uma das causas para esta assunção prende-se com o reconhecimento da percepção visual ser rápida e na simultaneidade do seu conteúdo e sua interpretação. Isto leva-nos a pensar na sua universalidade, pois vence a barreira da linguagem podendo ser entendida e compreendida imediatamente por pessoas de cultura e língua diferente. Mas temos de ter em conta que, tal como Joly defende (2012), reconhecer um ou outro motivo, não quer dizer que se compreenda a sua mensagem. Reconhecer as mensagens visuais e interpreta-las são duas operações mentais distintas e complementares. A percepção visual é a capacidade fundamental do Homem, que trata as formas de modo abstrato e não se cinge apenas a registá-los mecanicamente no cérebro. A percepção visual faz uma interpretação dos dados visuais. Por seu turno, a interpretação é entendida como uma operação mental que consiste em conferir um sentido de atribuir um significado a algo que pode não ser

visível. É então necessário a capacidade de refletir para se descobrir, compreender e decifrar os significados do que se observa e da aparente naturalidade das imagens. Percepção e interpretação são, pois, operações muito distintas e com grau de complexidade diferentes, mas temos a impressão de serem simultâneas, quando estamos presente a uma imagem.

Ler uma imagem implica uma aprendizagem e operações intelectuais abstratas, exigindo ao leitor um certo esforço. O observador mobiliza um conjunto de atividades mentais e saberes interiorizados pedindo-lhe uma participação ativa. Assim, há imagens mais ou menos fáceis de ver e ler, mas para todas implica compreender que significados determinada mensagem, em determinadas circunstâncias, provoca no momento que é recebida pelo receptor.

Uma das funções da análise das imagens apontadas por Joly (2005) é o aumento do prazer estético e comunicativo na análise de imagens, já que a reconstrução destas permite aguçar o sentido da observação.

Também um dos lugares comuns sobre a imagem é a sua polissemia. Fornecendo um grande número (*poli*) de informações (*semies*) visuais, ele pode ter múltiplas significações, daí prestar-se a múltiplas interpretações por quem a vê e analisa. Mas estas múltiplas interpretações são provocadas pela “ausência de focalização assertiva” da imagem como refere Metz (1970a). No entender deste autor é a hesitação interpretativa provocada pela falta de assertividade da imagem que se denomina por polissemia. E a falta de assertividade da imagem pode torna-la uma boa ou má imagem, no dizer de Joly (2012) perigosa. Perigosa no sentido de ter um excesso ou falta de semelhança com o real. Segundo Joly “demasiada semelhança provocaria confusão entre imagem e representado, uma semelhança insuficiente causaria uma perturbadora e inútil ilegibilidade” (2012,p. 43).

Ainda, convocando Joly, “a análise da imagem (incluindo a imagem artística) pode entretanto preencher funções diferentes e tão variadas como proporcionar ao analista, aumentar os seus conhecimentos, instruir, permitir a leitura ou conceber mais eficazmente mensagens visuais” (2012, p. 51).

Mas uma das funções primordiais da imagem é a função pedagógica. Junto dos mais jovens trata-se de despertar o espírito crítico sobre as imagens, de modo a tomarem consciência de que a imagem não é uma pura réplica do mundo que os rodeia, mas essa(s) imagens descodificam-se segundo certas regras, ou seja, através do estudo e leitura de imagens os alunos devem-se tornar “descodificadores” e não consumidores das imagens.

Fazer uma análise de imagens não depende de um método absoluto, mas há necessidade de se fazerem opções em função dos objetivos dessa análise.

Segundo Roland Barthes, citado por Joly (2012), existe uma metodologia da imagem que consiste em “partir dos significados para encontrar os significantes, e portanto os signos, que compõem a imagem”<sup>1</sup> (p.55). Desta forma, este método “permite mostrar que a imagem é composta de diferentes tipos de signos (linguísticos, icónicos e plásticos) que concorrem em conjunto para a construção de uma significação global e implícita” (*ibidem*, p.55). Mas o método utilizado pode ser inverso, se o objectivo é descobrir as mensagens implícitas da imagem. “Podemos arrolar sistematicamente os diferentes tipos de significantes co - presentes na mensagem visual em análise e fazer-lhes corresponder os significados que evocam por convenção ou pelo uso” (*ibidem*, p. 56).

Analisar uma imagem implica uma atividade semelhante à análise do discurso verbal, mas tendo por objecto analítico as imagens. Neste contexto é importante desconstruir as imagens, quanto ao seu conteúdo e forma, mas considerando o contexto histórico-social de produção, o autor (emissor) que o concebeu e o público (receptor) com a finalidade de compreender e identificar o sentido das imagens.

No fundo, uma imagem é sempre um instrumento de expressão e comunicação. Ela constitui sempre uma mensagem para o outro. Ela destina-se a estabelecer uma relação entre o homem e o mundo.

### **3. A leitura da imagem**

É lugar comum dizer que vivemos no mundo de imagens. Aprender a ler as imagens implica o exercício estruturado de codificação e de decodificação e ainda atos de compreensão por parte dos indivíduos.

Parte-se do princípio que a linguagem da imagem se inicia com a percepção visual. Esta não se adquire naturalmente sem qualquer treino. É a partir do meio ano de vida que as crianças começam a reconhecer as imagens, mas a sua compreensão é mais tardia. É pois importante desenvolver a leitura consciente das imagens junto dos jovens, ou seja, é importante levá-los a descobrir os seus códigos, pois isso contribui para tornar o indivíduo civicamente responsável e ser capaz de analisar, escolher, decidir e intervir

Ler uma imagem, implica refletir e falar sobre ela. Associa-se assim, a linguagem icónica e a linguística, que se completam permitindo a extração de significados e o despertar sentimentos e sensações. A imagem associa-se assim à educação estética e através desta, a educação para os valores que se interpenetra com os sistemas visual e linguístico.

---

<sup>1</sup> Para Pierce, um signo mantém uma relação entre pelo menos 3 polos: a face perceptível do signo, o significante; aquilo que representa o objeto ou referente e o significado, ou seja, aquilo que significa.



Não há apenas uma leitura possível para uma imagem. Há significados comuns, mas interpretações e sentimentos diferentes que devem ser suscitados e incentivados pelo professor.

Deste modo, em contexto escolar e pedagógico, o professor não deve perder de vista o fornecer aos alunos os conhecimentos necessários para a leitura das imagens. Ele deve ter o controlo sobre a mensagem da imagem, assegurando a sua eficácia ou a zona de confluência entre o que é emitido e o que é recebido.

O professor ao utilizar imagens deve ter em conta um conhecimento prévio do público a que as imagens se destinam, isto é, ter em conta as suas motivações, expectativas e experiências passadas. Para se utilizar a imagem, há que ter a noção do espaço em que ela vai ser utilizada. A adequação do espaço no que diz respeito a questões de distância, de luminosidade é muito importante. Finalmente, e não de menor importância, deve ter a percepção da exposição da imagem. Isto é fundamental. Esta exposição deve ser tão demorada, quanto necessário para a apreensão do sentido que se quer conferir à mensagem veiculada através da imagem.

A imagem mais do que replicar, deve realçar os caracteres pertinentes a serem interpretados, omitir detalhes desnecessários e não possuir formas visuais ambíguas.

#### **4. A imagem no ensino da Geografia**

A imagem é um recurso didático de extrema importância para o ensino da Geografia, pois ela pode ser entendida como representação para a compreensão do espaço geográfico. Omnipresente através de múltiplos modos de reprodução e suporte, as imagens constituem uma linguagem, transmitem mensagens, configuram a nossa cultura, a sociedade e os valores que a sustentam.

O aproveitamento didático da imagem e dos meios audiovisuais que a suportam e divulgam depende acima de tudo do professor e do uso inteligente que ele faz deles. Todo o processo de ensino-aprendizagem supõe uma transmissão do conhecimento através da comunicação que se inicia com a construção de uma mensagem por um emissor, inclui uma informação inteligível, adequada e perceptível e requer a percepção por um receptor através dos sentidos, nomeadamente a visão e a audição. Nessa comunicação, a imagem transmitida por um suporte de reprodução, ocupa um lugar fundamental. Nestas circunstâncias, cabe ao professor a escolha dos documentos e/ou equipamentos que vai utilizar para cada tema concreto, os inscreve no desenvolvimento da aula e os explora de acordo com as suas próprias características e a dos seus alunos.

Através das imagens proporcionadas pelas fotografias, pela televisão, pelo cinema, pelas entrevistas, pelos CD-ROM, DVD-ROM, internet, o professor deve ter por missão levar os seus alunos à descoberta das imagens e acostuma-los a olhar de modo inteligente o território, ensinando-os a ordenar o mundo visual mediante análise e reestruturação do conjunto final de síntese.

A imagem deve ser, assim, incluída no processo de ensino-aprendizagem pelos professores através de situações educativas que conduzam os alunos a serem ativos quando as observam e a construir o seu próprio conhecimento geográfico. Levar a construir o conhecimento geográfico já que a imagem permite informar, motivar, reforçar, completar, criar linguagem, concretizar conceitos, mesmo tendo em conta as características técnicas e metodológicas de cada suporte tecnológico usado, que condicionam a estrutura, a linguagem, duração, estética, código e alcance das suas mensagens. Construir conhecimento geográfico, na medida em que é possível a intervenção dos alunos na elaboração e manipulação das mensagens, quando colocados por detrás de uma câmara fotográfica ou da câmara de um simples telemóvel, ou ainda, na construção de um diaporama sob apresentação de um *powerpoint*. Os alunos, deste modo, adquirem uma capacidade icónica, que facilita a aproximação direta à problemática em estudo, à sociedade em que vivem, aprendendo a ler e interpretar geograficamente paisagens, desenvolvendo uma literacia geográfica.

No ensino da Geografia podemos considerar a imagem fixa e diferencia-la da imagem em movimento. Como dissemos anteriormente, no primeiro caso reportamo-nos aos mapas, gráficos, desenhos, pinturas, fotografias, banda desenhada, caricaturas, anúncios de publicidade. No segundo, entramos nos campos dos *media*, como o cinema, o vídeo, a televisão, muitas vezes denominados tradicionais, mas também aos multimédia, como o CD-ROM, o DVD-ROM, a internet e as imagens virtuais. São pois múltiplos os géneros de imagem.

O professor de Geografia deve utilizar o maior número possível de imagens nas suas aulas, seja qual for o suporte técnico e tecnológico utilizado. O professor deve conseguir que os alunos identifiquem essas imagens e falem sobre elas, sem impor uma interpretação normativa. Havendo diversas interpretações para uma imagem, não deve ser imposta a interpretação do professor. Os alunos devem falar sobre o que observam e sobre o que elas lhes sugerem. Cabe ao professor ouvir as diferentes opiniões dos seus alunos e evidenciar as mais pertinentes, as que fazem sentido para a imagem selecionada e para os objetivos previamente definidos.

Como entende Giacomantónio, citado por Alegria (2004, p.355), “existem diferentes ‘níveis’ de leitura [da imagem] que podem ser usados com fins pedagógicos: o nível

instintivo, o nível descritivo e o nível simbólico”. Ainda a citar a mesma autora “estes níveis que o autor identifica não são necessariamente em sequência cronológica, como se fossem fases temporais mais ou menos obrigatórias” (*ibidem*). O professor ao considerar a imagem no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, deve mostrar imagens fixas durante breves segundos. Nesta fase os olhos leem rapidamente a imagem e transmitem as primeiras impressões ao cérebro, havendo lugar para a percepção visual. Nesta altura a leitura é instantânea e não se realiza qualquer análise. É a operação de leitura de imagens mais frequente e comum na sala de aula. Fundamentalmente, é nesta fase que o professor deve questionar os alunos sobre o que observaram e viram. Este nível é também evidente para as imagens que são passadas na televisão, no cinema, no vídeo, nos documentários, ou das imagens projetadas pelas apresentações *powerpoint* e filmes do *you tube*.

Ao nível descritivo, pretende-se que os alunos analisem os elementos essenciais visíveis e os pormenores observáveis. De acordo com a imagem selecionada e com os objetivos definidos, a estrutura de análise varia, identificando-se de uma forma mais ou menos rígida, perspectivas, figuras, planos, composições. Encontramo-nos agora ao nível da racionalidade. Nesta fase deve-se organizar o pensamento dos alunos de modo a que estes tenham possibilidade de expor a ideia geral transmitida pela imagem. Aqui procura-se identificar atitudes, sentimentos, sensações.

Após a leitura dever-se-á passar à fase das inferências sendo importante a distinção do que é observável com o que é inferido. A imagem não nos diz quais são as inferências, nem sequer a ordem pelas quais devem ser executadas. Cabe ao professor solicitar e conduzir os alunos a tomar consciência dessas inferências.

Durante este processo de leitura e análise da imagem, não se deve solicitar aos alunos aspetos que a imagem não contempla, sendo muito importante tornar clara a distinção daquilo que se vê daquilo que a imagem sugere.

## **5. Leitura de imagens fixas e em movimento no ensino da Geografia**

De entre as imagens fixas podemos selecionar as fotografias, os mapas, os gráficos, os desenhos, os cartoons, as caricaturas.

As fotografias são imagens fixas muitas vezes utilizados pelos professores na aula de Geografia. Este é um dos recursos mais antigos ao serviço do ensino desta disciplina. Ela permite analisar a paisagem de modo indireto e ilustrar conceitos e noções que por vezes são difíceis de se observar e que, no entanto, introduzem a realidade na sala aula. As fotografias são adequadas para evocar espaços e corrigir imagens falsas que os alunos têm sobre elas. Muito variadas, podem ser obtidas a partir de fontes diversas, podem apresentar

formas de relevo, vegetação, modos de ocupação do território, atividades humanas ou vistas panorâmicas de paisagens. Em todo o caso, as fotografias devem ser o mais claras possíveis para evitar a distração dos alunos; têm que refletir aspetos significativos e devem mostrar variedades de detalhes para facilitar o comentário da imagem.

Muitas das vezes a leitura de fotografias cinge-se à identificação de planos. Estes, geralmente em número de três, não são possíveis de serem identificados em algumas das fotografias escolhidas pelo professor. Há pois que ter em conta que a leitura de uma fotografia vai mais além da mera identificação dos planos e sua descrição.

A capacidade de interpretação está estreitamente relacionada com a idade, prática e nível de instrução. Para ensinar a ler e interpretar a informação que as fotografias oferecem, o professor deve dirigir a observação mediante perguntas que busquem respostas concretas. Por estudos efetuados sabe-se que os alunos, por si sós, não são capazes de descobrir o significado geográfico das fotografias. Ainda, tão pouco são capazes de reconhecer um determinado aspeto físico representado. A maioria não possui uma visão de conjunto e tem dificuldades de assinalar as relações existentes entre os diferentes aspetos observados. Cabe ao professor questioná-los, mas é importante também conduzi-los a realizar esboços a partir das fotografias, implica-los na descrição por escrito do que veem, a emparelharem adequadamente textos e fotos fornecidos por si, ou mesmo aguçar-lhes a criatividade na atribuição de um título. Durante a leitura a percepção dos seus sentimentos e sensações podem contribuir para o seu desenvolvimento enquanto cidadãos do mundo.

As fotografias servem para conhecer as imagens mentais dos alunos relativamente ao meio em que vivem. Utilizam-se, assim, como estímulos que suscitam reações concretas dos alunos, através das quais se manifesta o espaço interior, o mundo do subjetivo e inconsciente frente ao espaço objetivo.

Com o constante desenvolvimento tecnológico, hoje em dia é muito frequente o uso de recursos, tais como os aparelhos de reprodução de som e imagem. Estes recursos têm um papel principal que é o de reforçar a ação comunicativa e permitem aos professores trazerem para a sala de aula as vivências do quotidiano dos alunos. São pois uma ferramenta que facilita o processo de ensino-aprendizagem, mas que devem ser utilizados de modo a gerar uma abordagem e discussão permitindo ao professor desencadear o desenvolvimento de capacidades formativas dos alunos.

A imagem projetada através dos aparelhos de reprodução sobre suporte físico ou suporte electrónico, facilitam o trabalho coletivo junto das diferentes turmas. A exploração didática é análoga à da imagem fixa. Tem, contudo, alguns condicionalismos, como a necessária diminuição da luminosidade da sala de aula, o que torna mais difícil a participação dos alunos de uma classe. Mas, por outro lado, promovem a participação ativa

dos alunos mediante sistemas de tomadas de notas ou de respostas e perguntas em relação à análise e comentário da imagem. Neste caso, é importante não utilizar muitas imagens por aula, já que o contrário provoca fadiga e perda de atenção dos alunos.

As imagens em movimento e sequenciadas contribuem para a compreensão dos processos dinâmicos que são analisados pela Geografia, tais como a evolução do relevo, o comportamento das massas de ar, os movimentos da Terra. A imagem sequenciada e o movimento permitem explicar noções abstratas e de difícil compreensão sobretudo para os alunos mais jovens. Em geral é muito mais útil uma película cinematográfica ou um pequeno filme do *youtube* ou de um DVD, do que a melhor explicação do professor a partir dos meios tradicionais para a compreensão de determinados temas ou conceitos geográficos. Desta forma, são ativadas faculdades mentais que são fundamentais para a análise geográfica. Falamos do raciocínio, do espírito crítico, da capacidade de observação, imaginação e visualização de conceitos, para além de estimular as emoções e desenvolver valores estéticos.

Contudo, há que ter em conta que a projeção de imagens em movimento não deve ser muito longa, pois não facilitam nem a comunicação, nem o diálogo entre os atores da sala de aula. Por outro lado, as imagens projetadas sob a forma de documentários, filmes cinematográficos mostram um espaço construído pela intencionalidade de quem as concebeu, facilitando informação sobre lugares e paisagens. Finalmente, os recursos tecnológicos mais atuais permitem pausas, o congelamento de imagens, a repetição de sequências que mais interessam, isolam e separam as imagens do som. Permitem manipular o(s) documento(s) por fragmentação e alteração de ordem de sequencias. Assim é possível decompor os momentos distintos de qualquer processo de ensino–aprendizagem captando-se o mais significativo. Mas também permitem a transmissão de sentimentos e atitudes, recolhem-se os aspetos mais difíceis de ver à vista desarmada da realidade e facilitam o estabelecimento de comparações.

## **6. Práticas de leitura de imagens**

A perspetiva que associa a linguagem icónica e linguística da leitura de imagens está presente de modo direto e indireto nas Orientações Curriculares do Ensino Básico e Secundário. Se bem que as Metas Curriculares do Ensino Básico, recentemente homologadas pelo Ministério da Educação, não contemplem qualquer orientação metodológica a seguir pelos professores ou indicações sobre uso da imagem ou outros recursos e fontes geográficas, os professores de Geografia devem usar as imagens no processo ensino-aprendizagem. Os professores devem proporcionar aos alunos

experiências educativas, de modo a que estes tenham a oportunidade de aprender a observar, a registar, tratar informação, levantar hipóteses, formular conclusões e apresentar resultados. A Geografia, na sua dimensão instrumental, deve desenvolver competências relacionadas com a observação direta, com a utilização, a elaboração e a interpretação de mapas, com a interpretação de fotografias e com a representação gráfica e cartográfica de dados estatísticos, ou seja ler e analisar imagens geográficas.

A inclusão do estudo da imagem, quer ao nível do discurso teórico, quer ao nível das práticas, na formação inicial de professores que desenvolvemos, tem vindo a ser uma proposta de trabalho, já que a consideramos fundamental para o ensino da Geografia e para a formação dos estudantes-professores.

Ao nível do Mestrado em Ensino da História e Geografia é proposto aos alunos do primeiro ano, nas Unidades Curriculares de Didática de Geografia I e II a análise de imagens e discussão sobre o seu uso em contexto de sala de aula, dado o seu valor formativo junto dos jovens alunos.

Numa primeira fase são apresentadas duas imagens fixas e projetadas<sup>2</sup> (figura 1 e figura 2).

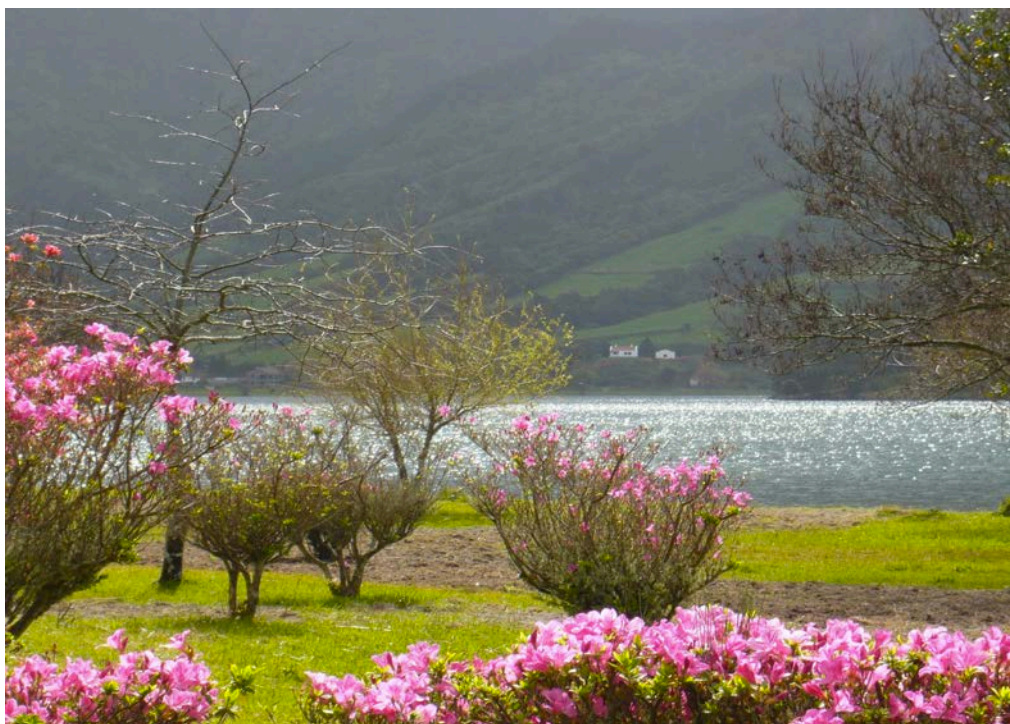


Fig. 1- Caldeira das Sete Cidades. Ilha de S. Miguel. Arquipélago dos Açores.  
Fonte: Fotografia da autora, 2010.

---

<sup>2</sup> Duas fotografias objeto de estudo no ano letivo 2012/2013 na Unidade Curricular Aplicações Didáticas em História e Geografia. e apresentadas nas VIII Jornadas Internacionais Grandes Problemáticas do Espaço Europeu.

Elas permitem analisar duas paisagens de modo indireto e diferentes modos de ocupação do território. A primeira imagem é bem menos clara que a segunda e permite uma recolha de significados muito diminuta. Contudo, apela aos valores estéticos, aos sentimentos e sensações. Geralmente, os estudantes – professores consideram-na muito bela, mas praticamente não conseguem dela retirar muita informação e mesmo realizar inferências. Os estudantes-professores são confrontados com a “ausência de focalização assertiva” que nos fala Metz (1970b) sobre a imagem, isto é, a polissemia desencadeada e para o facto de ela não ser a reprodução exata do objeto que ela representa. Face à imagem em questão é realçado as diferenças entre quem as realiza e quem as recebe e observa, alertando para o facto de a imagem poder ser, tal como Joly defende, perigosa, pois apresenta uma semelhança insuficiente face ao representado, tornando-a de difícil leitura.



Fig. 2 – Ilha do Corvo. Arquipélago dos Açores  
Fonte: Fotografia da autora, 2010.

A segunda imagem é muito mais clara e os estudantes-professores rapidamente conseguem identificar o(s) modo(s) de ocupação do território português, neste caso da ilha do Corvo.

Mesmo sendo certo o tempo de exposição de imagem e, por conseguinte, a sua observação, a leitura é instantânea. Depois, passamos à descrição dos elementos observáveis e visíveis, terminando com as inferências possíveis a partir da imagem identificada.

São os próprios estudantes professores, que no 2º ano do Mestrado, põem em prática o uso de imagens na sala de aula. Estes, interpretam as Orientações Curriculares de Geografia, preparam aulas, configuram situações educativas, momentos didáticos, documentos pedagógico-didáticos onde constam imagens fixas, como fotografias e imagens projetadas, em forma de apresentação *powerpoint* e imagens em movimento. Estas imagens têm tido um papel central e são desencadeadoras de um processo de ensino-aprendizagem, que recorre aos recursos tecnológicos existentes nas escolas.

Neste texto torna-se impossível demonstrar todos os trabalhos desenvolvidos pelos alunos. O mesmo acontece com a apresentação dos pequenos filmes realizados pelos estudantes-professores e ou /retirados da internet e que são projetados nas diferentes aulas por eles ministrados. Resta-nos informar o leitor deste texto, que os alunos das diversas classes, de um modo geral, os acolhem bem. Alguns pequenos filmes, em especial os realizados pelos estudantes-professores, estão tão bem adaptados aos temas, aos conteúdos temáticos, procedimentais e atitudinais e aos próprios alunos, que o silêncio impera enquanto são reproduzidos e, depois, o diálogo, a interação verbal e a atitude proativa na sala de aula e a tomada de consciência para os problemas do nosso mundo são problematizados e a aula de Geografia torna-se profundamente apelativa e formativa.

Pensamos assim que o uso de imagens fixas e em movimento promove a aproximação do mundo escolar ao mundo real e ao quotidiano dos alunos. Ainda, promove a educação geográfica no que diz respeito às destrezas espaciais, ao visionamento espacial dos factos e a sua interação e diferenciação à superfície terrestre.

Desta forma a Geografia através do ensino das imagens contribui para a promoção do desenvolvimento para a cidadania.

### **Considerações Finais**

Ao longo deste texto vimos que ler e analisar imagens não é só olhar e descrever o que se vê. Vimos que implica também pensar e verbalizar o que elas sugerem.

O professor, ao fazer o uso didático das imagens quer fixas quer em movimento alia a linguagem icónica e linguística e associa a educação estética e, por consequência, a educação para os valores.

Numa disciplina como a Geografia, preocupada em desenvolver competências relacionadas com a localização, com a observação direta, com a descrição da(s) paisagem(ns) com a explicação e comparação de fenómenos que resultam da interação homem-meio e que se materializam em paisagens, as imagens cumprem uma importante função como recurso didático.



Incluídas em contexto de sala de aula as imagens permitem analisar o território e o Mundo de modo indireto e ilustrar conceitos e noções por vezes difíceis de se observar. Reforçando a ação comunicativa na sala de aula, permitem aos professores trazerem para dentro da Escola a realidade e as vivências do quotidiano dos alunos.

Ensinar a ler criticamente as imagens do mundo é missão e desafio do professor de Geografia. Neste contexto, aos estudantes-professores em formação inicial são colocadas situações de leitura de imagem(ns) com o fim de os sensibilizar para o seu uso em contexto de aula. Esta sensibilização tem tido os seus frutos. De facto, depois de terem contacto com a leitura de imagens, estes professores têm posto em prática a elaboração de documentos pedagógico – didáticos onde constam imagens fixas e em movimento e que têm por fim levar os alunos do ensino básico e secundário a desenvolverem destrezas espaciais e visionamento espacial dos factos e a sua interação e diferenciação à superfície terrestre contribuindo assim para o desenvolvimento para a cidadania.

## **Bibliografia**

Alegria, M.F. (2001). Contributos para uma prática da leitura de imagens fixas. In *La formación Geográfica de los ciudadanos en el câmbio de Milenio* (pp.351-359). Universidad Complutense de Madrid, Asociación de Geógrafos Españoles, Associação de Professores de Geografia.

Alegria, M.F. (2003). Ensinar Geografia numa Sociedade mediática. In *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto-Geografia* (pp.11-24). I Série, Vol. XIX. Porto.

Alegria, M.F. (2004). Imagem, imaginação e Geografia. In *Revista Apogeo*, nº 27/28 (pp.4-10). Associação de Professores de Geografia.

Alegria, M.F. (2005). Representações sobre a imagem na aprendizagem em Geografia. In *Revista Finisterra*, XL, 79 (pp. 177-193).

Calado, I. (1994). *A utilização Educativa das imagens*. Porto. Porto Editora. Coleção Mundo de Saberes 8.

Houaiss, A., Vilar, Mauro (2003). *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*.

Joly, M. (2005). *A imagem e os signos*. Lisboa. Edições 70. Coleção Arte & Comunicação.

Joly, M. (2012). *Introdução à análise da Imagem*. Lisboa. Edições 70. Coleção Arte & Comunicação.

Martin, A. (1995). Los médios audiovisuales en la enseñanza de la Geografía. In Jimenez, A.M., Marron Gaité, M.J. (ed.). *Enseñar Geografía. De la teoría a la práctica* (pp. 239 - 275).Madrid, Editorial Sínteses, SA.

Metz, C. (1970a). Au-delà de l'analogie, l'image, *Communications*, 15 (pp.1-10). Paris.

Metz, C. (1970b). Images et Pedagogie. *Communications*, 15 (pp.161-167).Paris.

Nadal, P. A. (1995). Los mapas, las fotografías y las imágenes, in Jimenez, A.M., Marron Gaité, M.J. (ed.). *Enseñar Geografía. De la teoría a la práctica* (pp. 297-315). Madrid, Editorial Sínteses.

---